

# A NAVEGAÇÃO DA CASA

RUBEM BRAGA

28.5.50

**N**O inverno em Paris não há árvores. O que há pelas ruas, com certeza providenciadas pela Prefeitura são umas instalações, não sei se de madeira ou de metal; são instalações para árvores.

Mas veio a primavera. Nasceram folhas, rebentaram flôres, surgiram pássaros. E as árvores, em tôda sua glória, bebem as águas da chuva e a quentura do sol.

\* \* \*

Muitos invernos rudes já viveu esta casa. E os que a habitaram através dos tempos lutaram longamente contra o frio, entre essas paredes que hoje abrigam um triste senhor do Brasil.

Vim para aqui enxotado pela tristeza do quarto do hotel, uma tristeza fria, de escritório. Chamei amigos para conhecer a casa. Um trouxe conhaque, outro veio com vinho tinto. Um amigo pintor trouxe um cavalete e tintas para que os pintores amigos possam pintar quando vierem. Outro apareceu com uma vitrola e um monte de discos. As mulheres ajudaram a servir as coisas e dançaram alegremente para espantar o fantasma das tristezas de muitas gerações que moraram sob esse teto. A velha amiga trouxe um lenço, me pediu uma pequena moeda de meio franco. A que chegou antes de tôdas trouxe flôres; pequeninas flôres, umas brancas e outras cor de vinho. Não são das que aparecem nas vitrinas de luxo, mas das que rebentam por tôda parte, em volta de Paris e dentro de Paris, porque a primavera chegou.

Tudo isso alegra o coração de um homem. Mesmo quando ele já teve outras casas e outros amigos, e sabe que o tempo carrega uma tradição no bojo de cada minuto. Oh! deuses miseráveis da vida, porque nos obrigais ao incessante assassinio de nós mesmos, e a esse interminável desperdício de ternuras? Bebendo esse

grosso vinho, a um canto da casa comprida e cheia de calor humano (ela parece jogar suavemente de pôpa a prôa, com seus assoalhos oscilantes sob os tapetes gastos, velha fragata que sai outra vez para o oceano, tripulada por vinte criaturas bebidas) eu vou ternamente misturando aos presentes os fantasmas cordiais que vivem em minha saudade.

Quando a festa é finda e todos partem, não tenho coragem de sair. Sinto o obscuro dever de ficar só nesse velho barco, como se pudesse naufragar se eu a abandonasse nessa noite de chuva. Ando pelas salas ermas, olho os cantos desconhecidos, abro as imensas gavetas, contemplo a multidão de extranhos e velhos utensílios de copa e de cozinha.

Eu disse que os moradores antigos lutaram duramente contra o inverno, através das gerações. Imagino os invernos das guerras que passaram; ainda restam da última farraços de papel preto nas janelas que dão para dentro. Há uma série grande e triste de aparelhos de luta contra o frio; aquecedores a gás, a electricidade, a carvão e óleo que foram sendo comprados sucessivamente, radiadores de diversos sistemas, com esse ar barroco e triste do velho maquinário francês. Imagino que não usarei nenhum dêles; mas abril ainda não terminou e depois de dormir em uma bela noite enluarada de primavera acordamos em um dia feio, sujo e triste como uma tradição. O inverno voltou de súbito, gelado, com seu vento ruim a esbofetear a gente desprevenida pelas esquinhas.

Hesitei longamente, dentro da casa gelada: qual daqueles aparelhos usaria? O mais belo, revestido de porcelana, não funcionava, e talvez nunca tivesse funcionado; era apenas um enfeite no ângulo de um quarto; investiguei lentamente os outros, abrindo tampas enferrujadas e contemplando cinzas antigas

dentro de seus bojos escuros. Além do sistema geral da casa — esse eu logo pus de lado, porque comporta ligações que não merecem fé e termômetros encardidos ao lado de pequenas caixas misteriosas — havia vários pequenos sistemas locais. Chegaram uns amigos que se divertiram em me ver assim perplexo. Dei conhaque para aquecê-los, uma jovem se pôs a cantar na guitarra, mas continuei minha perquirição melancólica. Foi então que me veio a idéia mais simples: afastei todos os aparelhos e abri, em cada sala, as velhas lareiras. Umas com trempe, outras sem trempe, a tôdas enchi de lenha e pus fogo, vigiando sempre para ver se as chaminés funcionavam, jogando jornais, gravetos e tacos e toros, lutando contra a fumaceira; mas venci.

Todos tiveram o mesmo sentimento: apagar as luzes. Então eu passava de sala em sala como um velho capitão, vigiando meus fogos que lançavam reverberos nos móveis e paredes, cuidando carinhosamente das chamas como se fossem grandes flôres ardentes mas delicadas que iam crescendo graças ao meu amor. Lá fora o vento fustigava a chuva, na praça mal iluminada; e vi, junto a luz triste de um poste, passarem flocos brancos que se perdiam na escuridão. Essa neve caía do céu; eram as pequenas flôres de uma árvore imensa que voavam naquela noite de inverno, sob a tortura do vento.

Detenho-me diante de uma lareira e olho o fogo. E' gordo e vermelho, como nas pinturas antigas; remexo as brazas com o ferro, baixo um pouco a tampa de metal e então êle chia com mais fôrça, estala, rai-veja, grunhe. Abro: mats intensos claros vermelhos lambem o grande quarto e a grande cômoda velha parece se regozijar ao receber a luz desse honesto fogo. Há chamas douradas, pinceladas azuis, brazas rubras e outras côr de rosa, numa delicadeza de gouache. Lá no alto,

tôdas as minhas chaminés devem estar fumegando com seus penachos brancos na noite escura; não é a lenha do fogo, é tôda a minha fragata velha que estala de pópa a proa, e vai partir no mar de chuva. Dentro, leva cálidos corações.

Então, nêsse belo momento humano, sentimos o quanto somos bichos. Somos bons bichos que nos chegamos ao fogo, os olhos luzindo; bebemos o vinho da Borgonha e comemos pão. Meus bons fantasmas voltam e se misturam aos presentes; estão sentados atrás de mim, apresentando ao fogo suas mãos finas de mulher, suas mãos grossas de homem. Murmuram coisas, dizem meu nome, estão quietos e bem, como se sempre todos vivêssemos juntos; olham o fogo. Somos todos amigos, os antigos e os novos, meus sucessivos eus se dão as mãos, cabeças castanhas ou louras de mulheres de várias épocas são lambidas pelo clarão do mesmo fogo, caras de amigos meus que não se conheciam se fitam um momento e logo se entendem; mas não falam muito. Sabemos que há muita coisa triste, muito erro e aflição, todos temos tanta culpa; mas agora está tudo bom.

Remonto mais no tempo, rodeio fogueiras da infância, grandes tachos vermelhos, tenho vontade de reler a carta triste que outro dia recebi de minha irmã. Contemplo um braço de mulher, que a luz do fogo beija e doura; ela está sentada longe, e vejo apenas êsse braço forte e suave, mas isso me faz bem. De súbito me vem uma lembrança triste, aquê- le sagüi que eu trouxe do norte de Minas para minha noiva e morreu de frio porque o deixei fóra uma noite, em Belo Horizonte. Doeui-me a morte do sagüi; sem querer eu o matei de frio; assim matamos por distração, muitas ternuras. Mas tôdas regressam, o pequenino bicho triste também vem se aquecer ao calor de meu fogo, e me perdôa com seus olhos humildes. Penso em meninos. Penso em um menino.

28.5.50

B. A

180